D-Port.

ENCADERNADOR E DOURADOR
José A. Lopes
35, Largo da Feira, 37
COIMBRA

Sala 7
Gab. I
Est. 14
Tab. 2
N.º 20

£ 5-10

THEORIA GERAL DA EMIGRAÇÃO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA O ACTO

DE

CONCLUSÕES MAGNAS

NA

FACULDADE DE DIREITO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

POR

José Frederico Laranjo

COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1877

AO

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

P.E ANTONIO JOSÉ DA SILVA

ARCEDIAGO DO VOUGA NA SÉ CATHEDRAL DE COIMBRA,
EXAMINADOR PRO-SYNODAL,
VICE-REITOR E PROFESSOR DO SEMINARIO EPISCOPAL
DA MESMA CIDADE

Off.

O AUCTOR.

Ex.mo e Revd.mo Sr.

Um concurso feliz de circumstancias a que não chamarei fortuitas, porque offenderia com isso a Providencia, fizeram-me sahir da classe da minha familia, a dos que fecundam a terra com o suor que produz o trabalho, para a classe dos que estudam e pensam.

Tirou-me da posição a que naturalmente estava destinado a caridade d'uma familia, de que hoje já não resta senão uma pessoa; obrigaram-me depois a sahir de Portalegre luctas que só eram grandes para mim, porque eu era pequeno, e trouxe-me para Coimbra o incitamento e o auxilio d'alguns amigos, aos quaes todos envio d'aqui o meu reconhecimento.

Em Coimbra entrei no Seminario que V. Ex.ª hoje dirige, e entrei doente do corpo e do espirito, e não sei se já lh'o disse, prevenidissimo contra o Seminario, apprehensivo e tristissimo.

Iam a tal ponto as minhas prevenções que, indicando-se-me quasi ao crepusculo o quarto em que devia ficar, tomei a porta, que era de madeira oleada d'azul e de branco, por uma especie de bastidor de theatro de ripa e de lona, retirei-me addiando a entrada para o dia seguinte, e fui queixar-me da porta ao nosso amigo —

Abilio Augusto da Fonseca Pinto—, cujo nome folgo d'escrever aqui, como o da primeira pessoa que me protegeu em Coimbra.

«É impossivel, dizia-me elle, conheço o Seminario, e isso não é assim.»

—Mas se eu vi o quarto atravez da porta—replicava eu. «Seja como fôr, tornava elle, as portas são de madeira.»

No outro dia vi que me enganara; ver o quarto fôra effeito do ralo que costumam ter as portas nas casas d'educação. A minha phantasia era desmentida, e dentro de poucos dias o Seminario começou a ser para mim um seminario d'amigos. Entre elles V. Ex.ª tomou o primeiro logar; a sua amisade tem sido para mim uma amisade quasi paterna.

Como todos os homens que luctaram, e que vivem constantemente com os livros, eu sou ao mesmo tempo timido e ousado; ousado quando por interesse meu devia ser timido, timido quando por interesse meu devia ser ousado. Como um grande pintor, que corrige os defeitos do discipulo, V. Ex.ª encarrega-se de desfazer os erros e as faltas do meu modo de viver; quando eu durmo, vela

por mim a prudencia e a amisade enthusiastica de V. Ex.ª; e, como obra d'um Benevenuto Cellini, a amisade de V. Ex.ª tem valor sem ter pezo.

Platão na *Republica* dividiu em tres classes os homens que lh'a deviam povoar; aos da primeira classe, a dos que pensam, diz elle que os deuses lhes lançaram na alma oiro e prata divinos. Dedico este livro a V. Ex.ª, porque não quero mostrar que não tenho oiro e prata na alma, não sendo reconhecido.

De V. Ex.ª

Amigo respeitoso e gratissimo

Coimbra, 6 de Junho
de 1877.

José Frederico Laranjo.

CAPITULO I

SUMMARIO: — Determinação do problema da emigração. — A emigração condição de vida. — A emigração condição de civilisação.

Um escriptor que tem influido immenso no pensamento moderno, Augusto Comte, abandonando o antigo modo de classificar as sciencias, oppondo-as umas ás outras, como membros d'uma divisão logica, hierarchisou-as todas pela ordem crescente da complicação dos seus phenomenos, determinando-lhes as relações de methodo e desenvolvimento.

Tendo só em vista as sciencias abstractas, fundamentaes, as que têm por objecto a determinação de leis, e não as que servem para applicar essas leis, Augusto Comte organizou a serie seguinte — astronomia, physica, chimica, physiologia ou biologia, physica social ou sociologia; as mathematicas são consideradas como o prologo indispensavel de todas as sciencias, como instrumento geral de conhecimento [1].

[1] *Philosophie positive*, edit. 1869, tom. 1.º, pag. 56 et 86.

O termo ultimo d'esta serie é, como se vê, a sociologia, e portanto, segundo A. Comte, é ella a mais complicada nos phenomenos e no methodo, a ultima a chegar a um estado de certeza, estado *positivo* na phrase de Comte, a mais difficil de estudar, aquella cujos problemas têm soluções menos simples, menos delimitadas; porque é claro que a uma complicação nos phenomenos d'uma sciencia ha de corresponder nos seus problemas a complicação das soluções.

Esta hierarchia das sciencias, que se podia descobrir pela applicação do methodo de Hegel, e que d'elle resultava, que estava além d'isso quasi indicada nas obras de Saint-Simon, foi combatida por um pensador inglez de primeira ordem, Herbert Spencer, e defendida por Littré [1]; mas as objecções de Spencer não atacaram a asserção da maior difficuldade da sociologia; o proprio Spencer a corroborou e pretendeu demonstral-a num livro intitulado — *Introducção á sciencia social* — [2]. Podemos, pois, considerar esta affirmação como definitivamente estabelecida.

Ora, se a sciencia social é a mais complicada e difficil das sciencias, entre os problemas d'ella o problema da emigração é de certo dos mais complicados; e, para o resolver, sequer aproximadamente, é necessario estabelecel-o com precisão, reconhecendo o numero de problemas mais ou menos simples em que se póde decompor o problema total.

1 *Auguste Comte et La Philosophie positive* par E. Littré. Deuxième édit., pag. 285 et suiv.

2 *Introduction à la science sociale* par Herbert Spencer, chap. 4 et suiv.

Em primeiro logar pois — o que quer dizer o termo — emigração — quando se applica ao homem? Cada palavra tem em geral mais d'uma significação; mas d'entre os phenomenos que ella representa, o espirito costuma quasi sempre ligal-a com o mais actual e ordinario; é claro porém que, se a palavra tem muitas significações, foram razões de intima analogia que fizeram com que essas significações todas fossem subsumidas a uma palavra, e que, portanto, para determinar bem uma d'ellas, é necessario, ou pelo menos conveniente, discutil-as todas.

A palavra — emigração — póde-se applicar aos tres phenomenos seguintes:

1.° — O abandono d'um paiz pela totalidade ou grande parte da massa do povo que o habitava, indo essa massa de povo recahir sobre outro povo, e luctando, em geral, com elle, para conseguir estabelecer-se. Este phenomeno denomina-se mais particularmente — invasão —; o povo não só vae d'uma região para outra, mas em geral vae, espontanea ou fatalmente, contra outro povo.

2.° — Derivação mais ou menos lenta, mais ou menos regular, de parte da população d'um paiz para outro paiz, ou neste haja ou não constituida já uma nacionalidade, com a intenção de se estabelecer ahi pacificamente, para sempre ou por um tempo consideravel.

3.° — Derivação mais ou menos lenta, mais ou menos regular da população dos campos para as cidades, dentro d'uma mesma nação.

D'estres tres phenomenos aquelle que nós hoje ligamos immediatamente com a palavra — emigração —

é o segundo, porque é actualmente o mais importante e o mais visivel para nós. Mas os outros dois phenomenos estão intimamente relacionados com este; o primeiro não só porque quasi toda a emigração do segundo grupo se converte em invasão; mas tambem porque quem quizer conhecer o papel da emigração no destino da humanidade tem de a estudar sob todos os seus aspectos; o terceiro, porque é um phenomeno concomitante com o segundo, e é possivel que alguma das causas que estabelecem a corrente da população dos campos para as cidades, seja tambem causa na corrente que se fórma d'uma região para outra.

Os escriptores que têm estudado a emigração têm-se esquecido de relacionar o 1.º e o 3.º aspecto com o 2.º; e têm talvez perdido com isso um meio de dar luz ao assumpto, e de o elevarem, das observações desconnexas a que tem andado reduzido, a uma theoria fortemente deduzida das leis geraes da Economia Politica.

É claro que o nosso problema principal é a emigragração pacifica d'um paiz para outro, e não a emigração-invasão, nem a emigração rustico-urbana; mas, pelas razões que indicamos, consideraremos tambem estas especies de emigrações, e veremos se se póde formar uma theoria geral da emigração, theoria que, applicada depois á emigração de Portugal, nol-a explique.

Como dissemos, e como já se vê pelos tres aspectos da emigração, a questão é complexa; mas essa complexidade mais se desdobra e se affirma, se nos entregarmos a novas considerações.

Emigrar! Quem emigra? A população. Temos, pois,

diante de nós o problema de Malthus, o problema com que sonha toda a Inglaterra, e que influenceia o modo de pensar de todos os seus escriptores.

Mas a população não é uma abstracção que se possa considerar d'um modo independente; a população tem uma certa natureza, está debaixo de certas condições physicas, sob uma determinada organisação religiosa, politica, economica; e, se é a população que emigra, a natureza da população, as condições que a subordinam subordinam a emigração. A emigração ha de ter causas; essas ou estão na natureza subjectiva da população, ou na natureza das cousas. Temos de determinar estas causas.

Mas a emigração é de algum logar para outro, num e noutro logar ha de produzir effeitos; temos de determinar esses effeitos tanto numa parte como noutra.

Além d'isto, o paiz donde se emigra e o paiz para que se emigra são parte da humanidade, que é um todo organico; a emigração ha de, pois, produzir effeitos na civilisação geral da humanidade. Temos de determinar esses effeitos.

Mas as questões sociaes não são meramente especulativas; não se estudam os phenomenos para simplesmente se lhes induzirem as leis; mas para os modificarmos e dirigirmos, se é possivel. Se, pois, alguns dos effeitos da emigração forem nocivos, temos de investigar se é possivel remover as causas d'esses effeitos, e, estabelecida a possibilidade, procurar os meios.

Portanto o problema geral da emigração é o seguinte: — Pelas relações em que estão com a emigração a natureza da população, as condições physicas em que ella vive, a organisação religiosa, politica, economica a

que está sujeita, determinar as causas d'este phenomeno, os seus effeitos na região de que se sahe e na região para que se vae, na civilisação geral da humanidade, e se alguns dos effeitos forem nocivos, procurar o meio de eliminar ou attenuar os prejuizos.

Para explicarem a origem das especies, e entre ellas a da especie humana, duas hypotheses se defrontam: a hypothese biblica, que reputa as especies fixas segundo um typo que póde variar sim, mas dentro de limites restrictos, e a hypothese da moderna eschola evolucionista, que julga que as especies superiores se foram gerando das inferiores sob a pressão, digamos assim, das leis da adaptação ao meio, da herança e da lucta pela existencia. Esta segunda hypothese subsume duas opiniões diversas com relação ao homem, a dos monogenistas, que admittem que o genero humano teve uma só patria primitiva, donde sahiu por evolução d'uma especie anthropoide ha muito extincta [1], e a dos polygenistas, que faz descender cada especie humana d'uma especie simiana distincta e primitiva, tendo uma habitação especial [2]. As duas hypotheses e as divisões da segunda têm sido defendidas por escriptores eminentes. A opinião da fixidez têm-n'a sustentado Cuvier, Agassiz, Quatrefages, e abraçava-a A. Comte; a da transformação tem por si uma eschola que foi fundada por Lamark, defen-

1 Vid. *Histoire de la Création des êtres organisés* par Haeckel, trad. par Letourneau, 1874, pag. 613. *Rapport sur les Progrès de l'Anthropologie* par Quatrefages, chap. 2.º

2 Haeckel, obra cit., liç. 23, pag. 594.

dida por Estevão Géoffroi Saint-Hilaire, e que modernamente foi robustecida por Wallace, Darwin, Haeckel, etc.

Quer se admitta a hypothese orthodoxa, ou qualquer das divisões da hypothese evolucionista, o espirito encontra, como consequencia necessaria de qualquer d'ellas, a emigração da humanidade d'uns pontos para outros. Com effeito, se houve um só centro de creação ou de transformação, a humanidade, hoje espalhada por todas as partes do mundo, irradiou d'esse centro para todo elle. E a biblia reconhece essa necessidade de dispersão e signala-a [1], e a hypothese monogenista reconhece-a egualmente, e forma-se uma nova sciencia para se determinar a distribuição dos organismos, e portanto do homem á superficie da terra, o seu centro de creação e os centros de emigração [2]. A opinião polygenista tem tambem como consequencia necessaria a emigração, pois que não admitte centros de creação em toda a parte; e porque, ainda que os admittisse, a mistura dos diversos typos das raças humanas, a distribuição irregular d'estas só se explicam pela emigração [3]. A emigração encontra-se, pois, na humanidade como um facto essencial, necessario. Se as plantas e os animaes ou hão de emigrar ou perecer; se, para não perecerem, emigram passiva e activamente, o homem, como organismo superior, necessitando de mais espaço, de mais meios de vida, com maioria de razão tem diante de si este dilemma — ou não se reproduzir e morrer, ou reproduzir-se e emi-

1 Genes., cap. 10, 11 e 12.

2 Haeckel, obr. já cit., liç. 23, pag. 612 e seg.

3 Quatrefages, obr. já cit., cap. 4 e cap. 6, pag. 163 e seg., e pag. 192 e seg.

grar. A emigração é uma condição de vida da humanidade — eis a primeira conclusão a que chegamos.

Continuando a considerar a emigração em geral, observemol-a, sob todas as suas faces, nas correntes mais importantes que tem tido, e que deixaram um sulco mais profundo na historia, para continuarmos a determinar-lhe a natureza.

Diversas opiniões se têm apresentado sobre o centro de creação e sobre a direcção das primeiras emigrações, principalmente das que mais nos interessam. Aproveitando todos os elementos que podem resolver este problema, tem-se chegado a marcar algumas regiões da Asia, ou um continente que se encostava a ella e á Australia, que se submergiu, e a que os naturalistas chamam — Lemurien —, como ponto de partida da humanidade; têm-se tambem traçado certas linhas de direcção das emigrações primevas. Mas nem estes conhecimentos têm um caracter positivo, nem, que o tivessem, aproveitariam ao nosso problema, porque não basta para elle o conhecimento da direcção em que se moveram os povos; é necessario o conhecimento da influencia que esses movimentos exerceram; e esse conhecimento não o ha.

Deixando, pois, as emigrações prehistoricas, consideraremos simplesmente, a largos traços, as emigrações que a luz da historia já allumia; mesmo tambem porque, para se determinarem as qualidades geraes da emigração, não é necessario estudal-a em toda a linha do seu movimento; basta observal-a através d'uma serie impor-

tante de seculos e os que a historia nos offerece são já bastantes.

Quem olhar para um mappa dos primeiros tempos historicos encontra um sem numero de povos differentes, onde hoje habita ás vezes uma parte só d'uma nação. Reconhece-se com esse lance d'olhos que o homem deixara de ser só familia e tribu, que ainda não era nação e muito menos humanidade. Vendo depois essa multidão de povos a tornarem-se indistinctos, reduzindo-se á unidade sob a pressão da guerra, reconhece-se o papel providencial d'esta, a necessidade das invasões, umas vezes para civilisar os invadidos, outras os invasores.

O territorio limitado pelo rio Indo, mar d'Oman, deserto da Libya, extremo leste e nordeste do Mediterraneo, mar Negro e Caspio pouco mais ou menos, é o campo onde se agitam os povos cuja historia começou a ser conhecida pelos escriptos de Herodoto, e onde se levanta para nós a luz de civilisação, que, caminhando successivamente para o Occidente, se foi, tambem successivamente, volvendo de diluculo em pleno dia.

A historia d'esses povos e dos imperios que elles formaram characterisa-a uma grande instabilidade e uma grande agitação de movimentos, instabilidade e agitação provenientes de serem ainda esses povos tanto pastores como agricolas e de terem como vizinhos ao norte, e outros quasi travados com elles, povos exclusivamente pastores; a vida pastoril communicava a estas sociedades a natureza errante, movel que lhes é propria. Agora é o Egypto que domina; logo povos pastores o invadem e se civilisam ao seu contacto; logo é Thebas que irrue sobre o delta do Nilo e em parte os expulsa, em parte

os escravisa; logo é um d'esses povos escravisados que sahe do Egypto, e mais tarde sob David e Salomão fórma um imperio respeitado; logo é Ninive que domina, dispersa e mistura os povos; logo é Babylonia, e por fim a Persia.

Estes movimentos de norte para sul, de occidente para oriente e de oriente para occidente tinham como effeito a mistura dos povos, e portanto uma fusão maior ou menor, uma tal ou qual unificação. Os povos encontravam-se pela primeira vez com as armas nas mãos; mas as emigrações-invasões provocavam e determinavam depois emigrações pacificas. Ampliado pela guerra o circulo da sociabilidade politica, estava por isso mesmo ampliado o circulo da sociabilidade religiosa, intellectual e economica; e se a extensão da sociabilidade dá a medida, ou é pelo menos uma grande parte da civilisação, vê-se que a emigração-invasão e a emigração pacifica são condições essenciaes de civilisação; e se a civilisação necessita de centros em que se active e donde se irradie, é tambem condição de civilisação a emigração rustico-urbana.

Este character civilisador da emigração em todas as suas especies mais se evidenceia á proporção que a historia se torna mais definida.

Do mesmo modo que a rotação d'um planeta fórma ás vezes em torno d'elle um annel, que pelo movimento se quebra e vae formar novos planetas; assim d'este mundo oriental, agitado e instavel, se foram destacando parcellas, que estabelecendo-se na peninsula da Thracia se foram civilisando, e tomaram dos novos elementos com que se fundiram e da nova fórma do territorio que occupavam, da novidade do clima, novas e brilhantes

qualidades, e originaram uma civilisação differente da oriental, mais diversificada, mais risonha e mais intensa.

Estas duas civilisações, ainda que uma devesse bastante á outra, mal se conheciam e pequena era a sua influencia reciproca; a guerra approximou-as; os Persas irrompem contra a Grecia, e a Grecia, á excepção da estupida Sparta, vae com Alexandre até perto do Indo; Athenas deixa-se morrer para dar vida a Alexandria, e, pela emigração pacifica que se segue, prepara-se a fusão das idêas do oriente e do occidente e torna-se maior a área em que os homens se conhecem.

Mas estas conquistas rapidas do oriente e este vôo guerreiro do genio gigante de Alexandre, o heroe cuja vontade mais se harmonisou com a vontade inconsciente do destino, se podiam aproximar os homens, não os podiam unificar tanto quanto o exigiam as necessidades da civilisação. A assimilação mutua do genio diverso dos povos, a compenetração das suas varias qualidades, só podia ser o resultado de conquistas feitas gradualmente, de juncções feitas pouco a pouco e duradouras; e a Grecia, individualista, dividida, como observa Augusto Comte, pelas condições do seu territorio, que numa pequena superficie apresentava uma grande variedade de peninsulas e ilhas, a Grecia não podia produzir essa unificação [1].

Quando Alexandre corria da Asia Menor ao Egypto, do Egypto á Syria e á Persia, e, segundo a legenda, propunha aos seus soldados irem até ao Ganges, do Ganges ao mar, do mar á Africa, e pela Africa ás columnas

[1] Aug. Comte — *Philosophie positive*, tom. 5.º, pag. 174 et 175. *Histoire Romaine* par Mommsen, trad. par E. de Guerle, ed. 1863, tom. 1.º, pag. 28 et 37.

de Hercules, e darem por limites ao seu imperio os limites do mundo, Roma luctava com os samnitas, a Italia, em parte irmã e filha da Grecia, ia-se unificando pela guerra, e pelas colonias romanas; e depois de unificada reflue tambem para o oriente; assimila a civilisação grega; reune num imperio quasi todos os homens que conhece; torna assim possivel a idêa de humanidade e a religião de Jesus, que proclama a existencia d'ella.

Hoje que domina em philosophia a eschola da selecção natural, dominio que procede de Hegel, acceitar-se-ha facilmente que, misturados uns com os outros diversos povos, á fusão resultante d'essa mistura, cada povo deve communicar a sua qualidade predominante, recebendo as qualidades predominantes dos outros. E foi isto o que aconteceu na combinação resultante da guerra e colonisação romanas; entrava n'ella um povo, o povo judeu cuja qualidade predominante, tenacissima, immorredoura, era a religião; a religião d'este povo, generalisada e humanisada por Jesus, devia predominar na combinação, como predominara dos gregos a arte, dos romanos a politica. Sob o ponto de vista humano, a propagação da religião christã foi um processo de selecção natural, que as emigrações tornaram possivel e necessario.

Neste periodo da historia, a civilisação occupa uma zona de terra mais extensa do oriente a occidente do que do norte a sul; ao oriente e ao norte, porém, havia povos, uns nomadas outros quasi nomadas, que tinham sempre vivido fóra da civilisação, mas tendo-se encontrado e luctado com ella algumas vezes; esses povos precipitam-se uns sobre os outros e todos sobre o imperio romano, estabelecem-se nelle, luctam uns com os

outros, retalham-no em todos os sentidos, até que definem as suas posições respectivas.

O Christianismo, que precisava do imperio romano, precisava tambem dos barbaros. Do mesmo modo que um individuo, educado nas idêas e com os costumes d'uma epocha, não póde adaptar o espirito ás theorias e costumes d'outra; assim a civilisação greco-romana não podia transformar-se até á medulla em Christianismo. O Christianismo precisava de animos e corações não penetrados da educação pagã, vieram os barbaros. Se o scepticismo religioso da Grecia e de Roma teve na transformação social d'aquelle tempo o papel que A. Comte attribue á eschola critica dos nossos dias, se desorganisou para ser possivel organisar, era necessario que á desorganisação intellectual accrescesse mais ou menos a politica, aliás continuaria a existir no culto o que já não tinha fundamento no coração e no espirito.

Se não se admitte este ponto de vista; se se julga com Littré que sem esta desorganisação a evolução da civilisação seria mais rapida, e que o verdadeiro motivo de queixa da historia contra o regimen imperial é ter deixado penetrar as fronteiras pela invasão barbara [1]; ainda assim ficará provado o que queremos, a importancia das invasões na civilisação.

Se os barbaros não deram elemento nenhum para a civilisação, o que é muito contestavel, é certo que sob a influencia do Christianismo, do direito romano e das lettras greco-latinas elles se civilisaram mais depressa do que se civilisariam se não se tivessem fundido com os povos do imperio.

[1] Vid. *Études sur les Barbares et le Moyen-Age* par Littré — *Le Quatrième Siècle édit. Didier*, 1867, pag. 6.

A quéda do imperio romano é ao mesmo tempo o começo d'um novo genesis social, como a invasão dos hellenos na Grecia, a dos romanos na Italia o tinha sido d'um outro; a differença é a seguinte — a base de evolução para a civilisação é agora muito mais extensa na sua área, e os principios que a determinam muito mais profundos.

A base da civilisação grega fôra pouco mais do que uma pequena peninsula, com um cortejo de ilhas em torno de si; a base da civilisação romana tinha sido outra peninsula menos accidentada e mais extensa; a da civilisação que se agora prepara é mais do que a área do imperio romano, por isso a circumferencia d'ella será o mundo.

Do mesmo modo que os gregos se junctaram para reconhecer a sua unidade diante dos muros de Troia, assim os povos da nova civilisação se reconhecem irmãos diante do tumulo de Christo; depois cada um d'esses povos traz uma pedra para a obra do progresso. Portugal e a Hespanha, que já lhe tinham prestado o serviço de sustentarem e repellirem a onda dos arabes, descobrem-lhe, uma a America, outro o novo caminho para as Indias. O mundo alarga-se diante das nações que se querem fazer humanidade.

D'estes dois factos, capitaes na historia moderna, data uma nova era de emigrações-invasões, de emigrações pacificas, e, pelo maior desenvolvimento do commercio e das manufacturas, de emigrações rustico-urbanas.

Pelo espirito de avidez que lançou na Europa, espirito de avidez que renovou a escravatura, e que vae destruindo muitas raças, e que embebeu de egoismo o coração

das nações, ha escriptores que julgam nociva a descoberta da America.

Sem querermos discutir o problema, julgamos que elle se não póde resolver pelos effeitos que já se produziram, e muito menos pelos dos primeiros tempos da descoberta. É verdade que a America desenvolveu o commercialismo; mas é necessario lembrarmo-nos de que o commercialismo desenvolveu a riqueza mobiliaria, que contrabalançou a força da propriedade territorial e apressou a evolução para a liberdade. É ainda necessario lembrarmo-nos de que o commercio e as manufacturas, que elle aviventa, são tambem o mais poderoso agente do desenvolvimento do direito internacional. Foi mesmo o commercio que lhe deu origem, e as manufacturas ampliam-no introduzindo pela divisão do trabalho maior solidariedade entre os homens. As nações da Europa têm hoje um ideal — libertarem-se dos monarchas para se libertarem do regimen militar, e organisarem-se juridicamente em humanidade, do mesmo modo que o individuo se organisou em familia, a familia em municipio, o municipio em nação. Ora a America republicana, a America sem tradições guerreiras, deve, pelo seu peso, contribuir para a realisação d'este ideal, o mais amplo que o homem se tem proposto.

Do esboço que deixamos escripto vê-se que sempre na historia se tem apresentado a emigração que invade e a emigração que colonisa. A emigração rustico-urbana ha-a sempre que ha cidades; como organisações que são, as cidades attrahem e assimilam; são os laboratorios em que se combinam e electrisam, pelo contacto e pelo attrito, os diversos elementos sociaes.

Pela emigração guerra e pela emigração pacifica que

ella provoca, o oriente passa d'uma dispersão a um certo gráu de fusão. Pela emigração colonias e pela emigração guerra a Grecia civilisa-se e civilisa. Pela emigração guerra e pela emigração colonias Roma unifica o mundo. Pela emigração-invasão os barbaros revigorám os povos e preparam uma nova civilisação. Pelas invasões na India e na America, pelas colonias, as nações modernas ampliam o commercio, a industria, a sciencia, a liberdade, e parece que hão de contribuir para se organisarem entre si num estado juridico. Concluimos, pois, que a emigração não é só uma condição de vida, mas tambem uma condição de civilisação na historia da humanidade.

Mas, se a guerra e a emigração são agentes civilisadores, não se segue nem que o sejam sempre, nem que sejam só isto; não está portanto resolvido o problema que estabelecemos; mas as qualidades que determinámos são um elemento de solução.

Se o estadista, que encara as questões, não sob o ponto de vista geral, mas sob o da utilidade da nação que dirige, póde pôr de parte as relações da emigração com a civilisação geral; o homem de estudo tem de a considerar nas suas relações com a humanidade, com as nações, com os individuos; e se a questão não está supprimida nem resolvida, como base e substancia d'ella, encontramos o problema de Malthus. A emigração, escreve Leroy Beaulieu, não é senão um aspecto do arduo assumpto da população.

CAPITULO II

A população

SUMMARIO: — Resumo das doutrinas de Malthus. — Refutação d'essas doutrinas por Bastiat, por Carey, por Proudhon. — Critica de todos estes escriptores. — Trechos de Adam Smith, de Malthus, de J. B. Say, de Rossi, de Stuart-Mill, de Laing, de Elisée Reclus, testimunhando o facto de ser a indigencia um excitante á demasiada propagação. — Lei d'evolução da população nas suas relações com as subsistencias. — A emigração é uma quantidade que varia principalmente com as organisações economicas.

Como a deusa da mythologia que lançou nas bodas de Peleu e de Thetis o pomo de que sahiu o incendio que arrazou a cidade de Priamo, ou como as fadas que á imitação d'ella puniam um esquecimento com vaticinios de que se desenrolava uma longa serie de desgraças; assim ha escriptores que lançam com um livro um pomo de discordia, intensa e duradoura, no pensamento humano.

Teve um d'estes destinos o livro de Malthus intitulado — *O Principio da População.* — Terror, odio, agitação, quasi delirio no espirito, eis os productos immediatos d'essa obra notavel. Publicada na Inglaterra em 1798, a sua influencia ainda não acabou; e ainda que

Karl Marx a declara feita de roubos e não merecedora da voga que obteve, uma eschola moderna, a eschola transformista de Darwin, revigora essa voga, reconhecendo que lhe deve o principal e o mais novo dos seus principios — a selecção natural. Cada triumpho que obtem a eschola transformista nas sciencias naturaes suppõe-no obtido tambem por Malthus em sociologia.

É esta obra notavel que vamos resumir e analysar.

Eis as suas doutrinas:

Se se quizessem prever os progressos futuros da sociedade, offerecer-se-iam naturalmente duas questões a examinar:

1.ª — Quaes são as causas que têm suspendido até aqui os progressos dos homens, ou o augmento da sua felicidade?

2.ª — Que probabilidade ha de remover, no todo ou em parte, estas causas que põem obstaculo aos nossos progressos?

O auctor reconhece a multiplicidade das causas, cuja determinação constitue o primeiro problema; não pretende enumeral-as todas; mas assevera que a principal é — a tendencia constante que se manifesta em todos os seres vivos a propagarem-se numa proporção que excede a quantidade d'alimentos que estão ao seu alcance.

É uma observação do doutor Franklin, continua Malthus, que não ha nenhum limite no poder reproductivo das plantas e dos animaes, a não ser que, augmentando de numero, se subtrahem mutuamente a subsistencia. Se a face da terra fosse despojada de qualquer outra planta, uma só especie, por exemplo, o funcho, bastaria para a cobrir de verdura; e se não houvesse outros habitantes, uma só nação, por exemplo, a nação ingleza, em poucos seculos a teria povoado.

Malthus reconhece a verdade d'estas asserções. Servindo-nos, para resumirmos, de dois termos da escholastica, velhos, mas expressivos, Malthus reconhece que nas plantas e nos animaes e no homem, o poder virtual de propagação é maior do que o poder real de conservação; portanto ou as plantas, os animaes e o homem não se propagam na proporção do seu poder virtual, ou, se se propagam, não se podem conservar, e augmentará a mortalidade na proporção pelo menos em que se demasiou a propagação.

Nas plantas e nos animaes a propagação não é limitada pela razão, portanto virá a morte restabelecer o equilibrio. Nos homens ha o instincto e a razão; ou esta ha de prevenir o exagero da propagação, ou, como nas plantas e nos animaes, o equilibrio restabelecer-se-ha pela mortalidade.

O ponto de partida de Malthus é incontestavel. É um axioma que os seres não podem ultrapassar os limites que lhes assigna a quantidade existente de subsistencias que lhes são necessarias. O que é preciso é determinar a proporção em que se propaga o homem e a proporção em que augmentam as subsistencias.

Vendo que nos Estados Unidos a população tinha dobrado, independentemente d'emigração, todos os vinte e cinco annos, Malthus estabelece a seguinte lei:—*Quando a população não é suspendida por nenhum obstaculo, vae dobrando todos os vinte e cinco annos e cresce de periodo em periodo segundo uma progressão geometrica.*

Agora resta determinar a proporção em que augmentam os productos. E' menos facil fazel-o, diz Malthus, mas estamos certos que esta proporção é differente da que é applicavel ao augmento da população. Um numero de mil milhões d'homens deve dobrar em vinte e cinco

annos só pelo principio da população, do mesmo modo que um numero de mil homens. Mas não se obterão com a mesma facilidade as subsistencias necessarias para alimentar o augmento de numero. O homem está sujeito a um logar limitado. Quando uma geira de terra se acrescenta a outra geira, até que emfim toda a terra fertil seja occupada, o augmento de subsistencias depende do melhoramento das terras já cultivadas. Este melhoramento, pela natureza de toda e qualquer especie de terreno, não póde fazer progressos sempre crescentes; mas os que fizer, pelo contrario, serão cada vez menos consideraveis.

Á medida que a cultura se estende, as addições annuaes que se podem fazer ao producto medio vão continuamente diminuindo com uma especie de regularidade. Agora para compararmos o augmento da população com o das subsistencias, usemos d'uma supposição, que, por mais inexacta que seja, será pelo menos manifestamente mais favoravel á producção da terra, que nenhum resultado da experiencia.

Supponhamos que as addições annuaes ao producto medio não decrescem e ficam constantemente as mesmas, de maneira que cada periodo de vinte e cinco annos ajunta ao producto annual da Grã-Bretanha uma quantidade egual a todo o seu producto actual. Seguramente o especulador, o mais exagerado, não acreditará que se possa suppôr mais; porque isto bastaria para converter em poucos seculos todo o solo da ilha em jardim.

Appliquemos esta hypothese a toda a terra, de maneira que no fim de cada periodo de vinte e cinco annos todo o alimento que fornece actualmente ao homem a superficie inteira do globo se ajunte á que ella podia

fornecer no começo do mesmo periodo. E' seguramente mais do que tudo o que se tem direito d'esperar dos esforços os mais bem dirigidos da industria humana.

Nós podemos, pois, asseverar partindo do estado actual da terra habitada que — *os meios de subsistencia, nas circumstancias mais favoraveis ao trabalho, não podem nunca augmentar mais rapidamente do que segundo uma progressão arithmetica* [1].

A consequencia inevitavel d'estas duas leis de progressão geometrica da população e progressão arithmetica das subsistencias é um obstaculo ao augmento da população ou anterior, prevenindo-o, ou posterior, destruindo-o.

Supponhamos que não se impediu que a população augmentasse numa proporção maior do que as subsistencias, os effeitos são os seguintes: — O alimento que bastava a onze milhões d'homens, por exemplo, deverá agora repartir-se por onze milhões e meio; immediatamente o pobre viverá com mais difficuldades, e muitos serão reduzidos aos mais duros extremos. Terá augmentado o numero dos operarios numa proporção mais forte do que a quantidade do trabalho; o preço d'este ha de baixar, elevando-se ao mesmo tempo o preço das subsistencias; acontecerá forçosamente que, para viver como vivia antes, o operario ver-se-ha constrangido a trabalhar mais. Durante este periodo de penuria não se fazem tantos casamentos, e os embaraços que causa uma familia augmentam de tal sorte, que a população pára e torna-se estacionaria. Ao mesmo tempo o baixo preço do

[1] *Essai sur le Principe de Population* par Malthus, trad. Prevost, edit. Guillaumin, 1852, pag. 5 - 11.

trabalho, a abundancia d'operarios e a necessidade em que elles estão d'augmentarem d'actividade, anima os cultivadores a empregarem na terra uma quantidade de trabalho maior do que antes, a arrotearem as terras incultas, até que emfim os meios de subsistencia chegam ao ponto em que estavam na epocha de que se partiu. Então, tornando-se menos penosa a situação do operario, o obstaculo á população cessa. E depois d'um curto periodo repetir-se-hão, relativamente á população, os mesmos movimentos retrogrados e progressivos [1].

Estabelecidos estes principios de progressão geometrica e progressão arithmetica, da razão inversa em que estão o obstaculo preventivo e o destructivo, e das oscillações regulares da população em periodos mais ou menos regulares, Malthus vae procurar na historia dos diversos povos a confirmação d'elles; percorre para isso os diversos graus da civilisação humana, começando nos habitantes da Terra de Fogo, de Van-Diemen, d'Andaman, e, indo até aos povos mais adiantados da Europa, encontra, em todos, obstaculos á população; mas estabelece que, á proporção que os povos se vão civilisando, os obstaculos preventivos vão augmentando de força, e os destructivos diminuindo [2].

Analysando depois os systemas socialistas que já então se tinham apresentado, procura demonstrar que não se remediaria com elles a miseria resultante do augmento da população.

[1] Malthus, obr. cit. pag. 17. Vej. tb. Stuart-Mill, *Principes d'Economie Politique*, trad. par Hussard et Courcelle-Seneuil, trois. edit. tom. 1.º pag. 222, 223.

[2] Malthus, obr. cit. pag. 315.

Não a remediaria o augmento da producção; porque augmentaria com ella a população segundo as leis de progressão já determinada.

Nada remediaria uma distribuição mais egual dos productos; seria até prejudicial, porque animaria mais os casamentos e estimularia menos o trabalho; faria portanto que o desequilibrio resultante das duas progressões se désse em intervallos menores e com mais força.

Mas a emigração não é remedio?

Traduzimos parte da resposta:

Se nos paizes bem cultivados, a população se torna incommoda parece que a natureza offerece a este mal um remedio bem simples, abrindo a esses povos o caminho da emigração, e convidando-os d'alguma fórma a transportarem-se a logares desertos ou menos habitados. E como esses paizes são immensos, este recurso parece inexgotavel; este supposto remedio é, porém, um fraco palliativo.

As narrações as mais certas dos estabelecimentos formados em paizes novos, mostram que essas tentativas são acompanhadas de perigos e difficuldades mais graves do que teriam podido experimentar na sua antiga patria aquelles que pretenderam deixal-a.

Os habitos tanto moraes como mechanicos, que convêm á mãe patria, não convêm muitas vezes de nenhum modo a novos estabelecimentos e ás circumstancias imprevistas em que os emigrantes se acham collocados. Além d'isto o primeiro estabelecimento d'uma colonia nova offerece o exemplo d'um paiz muito mais povoado do que o permitte o seu producto annual. Portanto, se não recebe soccorros da mãe patria, a colonia irá diminuindo até se nivelar com as subsistencias. A

queda tão frequente dos novos estabelecimentos de colonias é propria para fazer ver quão necessario é que os meios de subsistencia precedam a população.

Quando as colonias já estão estabelecidas e postas em estado de segurança, a difficuldade d'emigrar sem duvida diminue muito; e ainda que, sem contestação, seja uma circumstancia muito feliz para um paiz ter um asylo aberto á sua população excedente, todavia se se pensa que a emigração lhe póde servir de remedio, é porque a repugnancia de todos os homens em deixar o seu paiz, juncta com a difficuldade de arrotear um solo virgem, nunca permittiu adoptar esta medida d'uma maneira geral.

E', pois, certo que a emigração é absolutamente insufficiente para dar logar a uma população que cresce sem limites. Mas encarada como um expediente parcial e de quando em quando proprio para estender a civilisação e a cultura sobre a face da terra, a emigração parece util e conveniente [1].

Além d'estas razões que Malthus apresenta quando tracta da emigração, muitas outras ha disseminadas pelo seu livro tendentes todas a provar a inefficacia d'ella para resolver o problema da população.

Malthus e com elle quasi todos os economistas affirmam que depois d'uma guerra, d'uma epidemia, d'uma emigração numerosa, a população cresce com grandissima rapidez.

E é este facto que explica a Malthus como foi que na Italia, no tempo em que os romanos luctavam com ella para a subjugarem, se podiam sempre levantar tan-

[1] Vej. Malthus, obr. cit., liv. 3, cap. 4. Vej. tb. Stuart-Mill, obr. cit. tom. 1.º, pag. 229 e seg.

tos exercitos d'uma parte e d'outra; facto que maravilhava Tito Livio [1]. E' tambem este facto que lhe explica como foi que o norte da Europa, no tempo das invasões barbaras, pôde atirar de si hordas sobre hordas sem que se lhe esgotasse a população [2].

Apesar d'estas doutrinas, para Malthus a finalidade da lei das duas progressões é a emigração. Tudo nos leva a crêr, escreve elle, que a intenção do creador foi povoar a terra; mas parece que este fim não se podia realisar senão dando um augmento mais rapido á população que ás subsistencias. A necessidade d'estas não seria assás urgente, e não daria assás desenvolvimento ás faculdades humanas, se a tendencia da população para crescer em demasia não lhes augmentasse a intensidade. Se estas duas quantidades, a população e as subsistencias, crescessem na mesma razão, não vejo que motivo poderia vencer a preguiça natural do homem e induzil-o a estender a cultura [3].

No que deixamos escripto estão as idêas fundamentaes da obra de Malthus, idêas que podemos consubstanciar nos seguintes principios:

1.° — A população não póde ultrapassar os limites das subsistencias.

2.° — A população cresce em progressão geometrica, as subsistencias em arithmetica.

3.° — Os obstaculos á demasia de população são preventivos e destructivos; uns estão na razão inversa

[1] Malthus, obr. cit. liv. 1, cap. 14, pag. 142.
[2] Malthus, obr. cit. liv. 1, cap. 6, pag. 59 a 75.
[3] Malthus, ibid. liv. 4, cap. 1, pag. 473.

dos outros; os preventivos augmentam e os destructivos diminuem na proporção do augmento da civilisação.

4.º — A população procura por meio d'oscillações o equilibrio com as subsistencias.

5.º — Não são remedios efficazes nem o augmento de producção, nem a distribuição egual dos productos, nem as taxas dos pobres; estes dois ultimos meios augmentam até o desequilibrio entre a população e as subsistencias; e os pobres não têm direito a nenhum d'elles, nem ao trabalho.

6.º — A emigração apresenta difficuldades, que os pobres não podem vencer por si, e é um excitante que promove o augmento da população.

7.º — Todas estas leis, que parecem produzir só o mal, têm um fim providencial—augmentar a energia das faculdades humanas, e estender a cultura e a civilisação pela superficie da terra.

A economia politica classica, governamental, digamos assim, ficou quasi toda fiel á grande maioria d'estes principios; fóra d'esta eschola ainda Malthus tem outros sectarios e esses mais arrojados em principios, em palavras e em deducções, são os sectarios da eschola transformista e da selecção natural, e que á força de a estudarem e de verem que sae d'ella o aperfeiçoamento das especies, pretendem quasi que as leis não intervenham perturbando-a no seu officio duplo de carrasco e de aperfeiçoador de raças.

No seio das escholas socialistas e dos economistas americanos, os principios de Malthus acharam vivissima opposição, e por um privilegio, que as boas intenções e as laboriosas investigações de Malthus não mereciam,

n'alguns livros, o epitheto de Malthusiano tornou-se infamante — o synonimo d'uma injuria.

Podem-se ver em Say, no capitulo sobre a população, citados um sem numero d'auctores que seguem as bases primeiras, pelo menos, do systema de Malthus, e essa lista podia dobrar-se de certo.

Com relação ao problema que nos occupa — a emigração —, quasi todos os economistas são concordes em asseverar que ella não faz diminuir, antes pelo contrario activa o augmento da população, e que é um fraco palliativo para os males resultantes da desproporção entre os meios de existencia e a população. Rossi tem mesmo uma comparação pittoresca para indicar esta ultima idêa. A emigração, escreve elle, é sem duvida um meio de restabelecer o nivel da população; mas em que differe elle, a não ser pela lentidão do supplicio e por um augmento d'angustias, d'este outro meio mais simples, a morte em sua casa? Os philantropos, aconselhando a emigração, são muito parecidos com aquelles medicos, que, para se desembaraçarem dos doentes os mandam tomar ares [1]. O phenomeno da excitação da população pela emigração parece tão saliente, que mesmo os economistas, não systematicos, os que tractam de colonisação e emigração a proclamam, e ás vezes sem se darem a explicação d'elle, impõem-no de modo que julgamos assistir a alguma cousa em que entra o maravilhoso.

Exposto o systema de Malthus, e indicados os seus

[1] *Cours d'Economie Politique* par M. P. Rossi. Année 1836-1838. Bruxelles, 1851, Dix-Neuvième leç., pag. 242.

parciaes e os seus contrarios, vejamos algumas das refutações que se lhe têm feito. Comecemos por Bastiat.

O engenhoso, elegante, mas por vezes sophistico Bastiat, reclamando contra as injurias dirigidas a Malthus, refuta-o todavia.

Se a doutrina de Malthus fosse verdadeira, haveria uma desharmonia no universo, a civilisação estaria na origem e a barbaria no fim dos tempos; a miseria seria progressiva; não o é, Malthus não tem, pois, razão em tudo. A lei de progressão geometrica, considerado o homem independentemente das condições sociaes, é incontestavel; mas a lei de limitação d'esta progressão não foi bem comprehendida por Malthus. Na enunciação dos meios que contrariavam o poder virtual de propagação do homem, Malthus não levou em conta a perfectibilidade e o habito. O homem é perfectivel, e com o seu aperfeiçoamento crescem as suas necessidades physicas, intellectuaes e moraes; a força limitativa do poder de propagação não se apresenta ao homem simplesmente como um esforço de castidade, como um acto de abnegação, mas ainda, e sobretudo, como uma condição de bem-estar, um movimento instinctivo que o livra de descer, de decahir, a elle e á sua familia [1].

Com effeito chegado a um certo grau de civilisação, costumado á satisfação d'umas certas necessidades, além das necessidades puramente animaes, o habito leva o homem a fazer todos os esforços para que elle e os seus não decaiam, não baixem.

1 Bastiat, *Harmonies Economiques*, pag. 523, et 519 et suiv.

Numa outra parte das *Harmonias* [1], já Bastiat tinha notado o poder do habito para sustentar os individuos, e portanto a humanidade, no estado de civilisação a que chegaram. Applicando ao problema de Malthus esta observação tão engenhosa como verdadeira, Bastiat conclue que a tendencia real da humanidade para se propagar tem como limites não os *meios de subsistencia*, mas os *meios d'existencia;* quer dizer — a população não tende a estender-se até onde se estendem os alimentos e os meios d'occorrer ás mais urgentes e impreteriveis necessidades; tende a limitar-se pelos meios que tem de satisfazer todas as necessidades a cuja satisfação está costumado, e por isso a ficar muito áquem dos alimentos e a deixal-os crescer numa proporção mais rapida que a população; e á proporção que o nivel geral da humanidade se elevar, irá augmentando essa tendencia para se não ultrapassarem os meios d'existencia.

Além d'isto, no isolamento as necessidades são superiores ás faculdades, no estado social as faculdades superiores ás necessidades. Esta superioridade, que cria para cada geração um excedente de riqueza, permitte-lhe crear e educar uma geração mais numerosa. Uma geração mais numerosa é uma melhor e mais profunda separação d'occupações, é um novo grau de superioridade das faculdades sobre as necessidades [2]. Conclue-se que a progressão das subsistencias e da população é no sentido inverso das indicações de Malthus.

Ouçâmos agora Carey:

[1] Pag. 69.

[2] Bastiat, *Harmonies Economiques*, pag. 533.

Em Carey o odio a Malthus é vivissimo. Como Karl Marx, Carey pensa tambem que poucos livros têm exercido uma influencia maior que o *Principio de população*, que poucos têm tão tenues direitos para exercerem alguma, e que poucos têm sido tão prejudiciaes ao modo geral de pensar; sem que se possa todavia duvidar por um instante sequer de que animaram o auctor intensissimos desejos de ser util aos seus similhantes [1].

Aos olhos de Carey, a theoria de Malthus é terrivel nas consequencias, e d'ahi a grandeza do odio com que a encara o economista americano. Demonstrando que a miseria é um resultado da natureza, as doutrinas Malthusianas tendem a desonerar as classes que governam o mundo de toda a responsabilidade possivel a respeito do bem-estar das que lhes ficam abaixo [2]. Foi por isso que as classes superiores applaudiram Malthus e as inferiores lhe atiraram pedras.

Carey refuta Malthus em tres longos capitulos [3]. Como Bastiat, reconhece que se a theoria de Malthus fosse verdadeira, a miseria seria progressiva e progressiva a escravatura. A harmonia natural das cousas leva-o a suspeitar d'erronea essa theoria, que accusa a natureza d'uma contradição violenta. Recorrendo á physiologia comparada, e notando que a fecundidade vae diminuindo á proporção que se vae elevando a escala dos seres, pois que a reproducção dos animaes microscopicos se conta por milhões e billiões, a da balêa e do elephante por

1 Carey, *Principes de la Science Sociale*, trad. par Saint-Germain et Planche, ed. 1861, tom. troisième, pag. 359.

2 Carey, obr. cit., pag. 364.

3 Ibidem, *De la Population — Des Subsistances et de la Population — Theorie Malthusienne.*

unidades, deduz a lei — que a fecundidade e o desenvolvimento estão na razão inversa —; e portanto que a fecundidade da raça humana deve diminuir á medida que as faculdades particulares aos individuos d'esta raça se desenvolvem mais [1]. A reproducção não tem pois no homem uma quantidade fixa; o que é attestado pela experiencia. A funcção de reproducção, como todas as funcções da organisação humana, está sob a lei de circumstancias e de condições relativas; e ha de variar com a distribuição egual ou desegual do conjuncto da força entre a multidão dos orgãos que compõem o systema infinitamente complicado da structura humana [2].

As tendencias de propagação hão de adaptar-se ás circumstancias em que cada individuo e em que toda a sociedade estiver collocada [3].

E quaes são essas circumstancias naturaes e sociaes com que varia o poder de propagação?

Os escravos de plantações da America do Sul, os camponezes ignorantes da Irlanda, todos os trabalhadores que só desenvolvem esforços musculares são muito prolificos. O indiano da America do Norte, que se distingue do escravo e do camponez por uma imaginação activa, um genio livre, sentimentos elevados, um alto estylo d'eloquencia, qualidades que indicam um cerebro vigoroso, é pouco prolifico, e pouco o são tambem os homens d'uma grande actividade d'intelligencia. O pariato da Inglaterra, o senado de Roma, a presidencia

1 Carey, pag. 255 e 256.
2 Ibid., obr. cit. tom. 3, pag. 261.
3 Ibid., pag. 261, 265 e 285.

dos Estados Unidos, a biographia dos homens illustres são uma prova exhuberante d'esta asserção [1]. Harmonisa-se com ella a physiologia comparada mostrando que a fecundidade está na razão inversa do desenvolvimento intellectual, e egualmente a analyse chimica manifestando que as cellulas d'esperma do fluido fecundante e a *neurina*, ou parte essencial da substancia cerebral, têm um elemento commum, o phosphoro não oxidado, que os caracterisa especialmente; e o mesmo prova o facto bem conhecido de que uma forte applicação mental é acompanhada d'uma diminuição proporcional de cellulas de esperma; sendo tambem a excessiva producção d'estas ultimas seguida d'um enfraquecimento da energia do cerebro [2].

Conclue-se de tudo isto que o trabalho simplesmente muscular favorece a fecundidade da raça humana; e como a civilisação tende a substituir as forças da natureza ao esforço humano, a vida das massas não está no futuro sujeita aos modos mais inferiores do trabalho, e o resultado necessario é este — ou o vigor physico declina e com elle a procreação, ou a energia passa do systema muscular ao nervoso, e produz-se o mesmo effeito [3]. A progressão da civilisação tende, pois, não por uma resistencia moral e prudentes reservas sómente, mas por *uma lei que se compenetra com a propria funcção reproductiva*, a diminuir o poder de propagação da raça humana [4]. A garantia contra o flagello do excesso

[1] Carey, pag. 293, 294, 301 e 302.
[2] Ibid., obr. cit., pag. 296, 297 e 298.
[3] Ibid., pag. 299 e 300.
[4] Ibid., pag. 300 e 295.

da população encontrar-se-ha no desenvolvimento do homem verdadeiro, que é distincto do homem-animal da eschola Ricardo-Malthusiana [1].

Ao mesmo tempo que Carey affirma a diminuição progressiva do poder de propagação do homem, combatendo assim a lei da progressão geometrica de Malthus, affirma tambem que o andamento natural da civilisação não diminue, mas augmenta as subsistencias, destruindo por esta fórma a segunda lei da progressão arithmetica.

Vejamos esta refutação.

A lei da progressão arithmetica das subsistencias funda-se no principio, admittido por Malthus, e base da theoria da renda de Ricardo, de que — o homem começou por cultivar os campos mais ferteis e foi successivamente passando aos menos ferteis. Carey nega categoricamente este principio.

Da grande planura da Asia o homem espalha-se sobre o globo ao norte, ao sul, a leste e ao occidente. A cada grau de progresso vemol-o parando e entregando-se ao cultivo dos terrenos elevados e ligeiros — a sêcca Arcadia, a pedregosa Attica, os montes da Etruria e do Samnio, as vertentes dos Alpes, as terras altas da Escocia. A Suissa conta uma população numerosa, ao passo que as ricas terras do baixo Danubio estão desertas; os homens reunem-se nos declives dos Andes, em quanto os ricos terrenos do Orenoco e do Amazonas permanecem incultos; a França, a Allemanha, a Italia, a

[1] Ibid., pag. 305.

Irlanda, apresentam em escala mais pequena, um estado de coisas similhante [1]. N'uma outra parte da sua obra, no primeiro volume, um capitulo inteiro — *A occupação da terra* — tem por objecto demonstrar que o homem occupa os terrenos elevados primeiro do que os baixos; demonstração que Carey faz percorrendo successiva e minuciosamente a occupação de todos os continentes.

Se a historia demonstra pois que o homem vai dos terrenos menos ferteis para os mais ferteis, que razão haverá para o facto, que não parece consentaneo com a actividade d'um ser intelligente?

Ha a seguinte — O homem começa pela pobreza e, não pela riqueza, e, quando os individuos são pobres, são forçados a escolher os terrenos que *podem*, e não os que *quereriam* cultivar. Ora os terrenos ricos, em virtude da sua propria riqueza, são em geral humidos e d'uma vegetação robustissima, offerecem resistencias que a colonisação no seu começo não póde vencer, e a que ella só póde oppôr-se com vantagens quando o progresso fortificou a associação humana e lhe deu armas para luctar com a natureza [2]. É pois falsa a base da progressão arithmetica das subsistencias de Malthus e da theoria da renda de Ricardo; as subsistencias augmentam proporcionalmente ao progresso do homem.

E este augmento proporcional ao progresso não é

[1] Obr. cit., pag. 328.

[2] Ibid tom. 1.º, cap. 4, passim, tom. 3.º, cap. 46 a 49 incl. pass. Póde vêr-se tambem Peshine Smith, *Manuel d'Économie Politique*, trad. par Camille Baquet, ed. 1854, chap. 2.º

só o resultado de se ir passando da cultura de terrenos pobres para os ricos; muitas outras causas contribuem para elle — a elevação da agricultura a sciencia, a substituição do alimento vegetal ao animal, a menor perda de forças humanas, e portanto a menor necessidade de alimentos, pela invenção progressivamente crescente de machinas.

A agricultura é a grande occupação do homem. É a sciencia que exige mais conhecimentos e mais variados, e por isso, é em todos os paizes, a ultima a desinvolver-se. Ha pouco que se constituiu como sciencia com o soccorro de conhecimentos geologicos, chimicos e physiologicos, resultantes de trabalhos modernos [1].

O feudalismo e a guerra, que são fataes á agricultura, um desapparecendo, a outra diminuindo ou mudando de fórma, contribuem tambem para que ella se desenvolva. E se a agricultura como sciencia, começa só agora a desenvolver-se, e se é impossivel exprimir a differença entre a cultura selvagem, barbara, patriarchal e a cultura civilisada; mais impossivel é calcular o augmento de producção que ha de resultar da completa applicação da sciencia no cultivo da terra.

Os prados artificiaes substituindo uma grande extensão de terra por um tracto diminuto; o systema das alternações de cultura substituindo os afolhamentos; o conhecimento de que determinados vegetaes contêm em muito menor volume maior porção de substancia nutritiva do que outros, e portanto que é preferivel o seu cultivo; o conhecimento de que a terra é inexgotavel, comtanto que se reconheça que ha para ella, como para

[1] Carey, tom. 1.º, pag. 251.

todos os entes — o circulo vital, — e que é necessario restituir-lhe os elementos que se lhe tirarem, são factos que podem dar uma idéa do que se poderá esperar da agricultura scientifica.

Este progresso da agricultura e das subsistencias resalta vivamente da historia: a fome, que apparecia na historia de periodo em periodo, é hoje um phenomeno que a não occupa; a provisão de subsistencias torna-se mais regular, e até mais independente dos caprichos das estações; as estivas dos alimentos variam menos d'anno para anno [1].

Com o progresso da agricultura concorre tambem para o augmento da proporção das subsistencias a substituição do alimento animal pelo vegetal, substituição que a civilisação vai effectuando progressivamente. Admittindo (o que é quasi incontestavel) que a media de seis libras de alimento animal seja necessaria por dia a cada individuo que vivesse exclusivamente de carne, e que um acre de terra destinado a crear gado, não produza mais que oito ou dez onças de carne por dia, seriam necessarios dez ou doze acres para a subsistencia d'um individuo por anno; ao passo que um acre de trigo póde sustentar tres, e que, segundo Curwen, um de batatas póde sustentar pelo menos nove; de maneira que um regimen de batatas e de fructos poderia sustentar uma população quasi cem vezes mais consideravel do que um regimen exclusivo de carne [2]. A mesma tendencia de substituição do reino vegetal ao animal se ob-

[1] Vej. Carey, obr. cit., tom. 1.º, cap. 8; tom. 2.º cap. 20; tom. 3.º cap. 46 a 49, passim.

[2] Carey, obr. cit., tom. 3, pag. 312, not.

serva em todos os outros meios d'existencia, e é um dos signaes certos do progresso da civilisação. A lã cede o logar ao algodão, que necessita de menor espaço proporcional para se produzir. Os oleos vegetaes diminuem gradualmente a necessidade dos que se obtêm pela perseguição da baleia e pela creação dos porcos. A guttapercha e a musselina do encadernador tomam o logar do couro; o caoutchouc tende a diminuir a procura das pelles e da lã, e o papel menos custoso substitue-se ao pergaminho. No reino mineral a penna d'aço substitue a penna de pato; os adubos mineraes substituem o estrume animal; o cavallo de ferro toma rapidamente o logar do que é formado de musculos, d'ossos e de nervos [1].

Mas não é tudo: quanto melhor é o vestído do homem, tanto menos elle perde do seu corpo, e menor é a sua necessidade d'alimento. Quanto mais se aperfeiçôa o meio de transporte, menos se estraga o fato. Viajando-se n'um wagão de caminho de ferro, dispende-se menos calor animal que viajando a cavallo [2].

De todas estas considerações conclue-se que ha na natureza uma tendencia constante para a adaptação da terra ás necessidades d'uma população crescente,—e cada augmento do poder d'associação e de combinação é acompanhado d'uma diminuição na quantidade das materias primas necessarias para a conservação da vida humana, e d'um augmento no que se póde obter como remuneração d'uma quantidade determinada de trabalho [3].

1 Ibid., pag. 313 e 314.
2 Ibid., pag. 313, 314 e 315.
3 Ibid., pag. 315.

Agora resta uma pergunta — Qual é a organisação economica que augmenta o poder d'associação e de combinação, com que se produzem os resultados acima indicados?

Carey responde — que o poder de progredir está na razão directa da dessimilhança das partes e da perfeição d'organisação, consequencia d'aquella dessimilhança. Portanto a nação em que o commercio, a agricultura e as manufacturas se combinarem está em caminho de progresso, de estabilidade, de ter uma população mais homogenea, economica, intellectual e moralmente; a nação que fôr exclusivamente agricola, manufactora, ou commerciante está no caminho de ser miseravel ella e os seus alliados; faltar-lhe-ha a independencia e a estabilidade; a sua população offerecerá grandes contrastes, e produzir-se-ha n'ella o excesso. Á proporção que augmenta a distancia entre as materias primas e as manufacturas, augmenta a differença de preço entre umas e outras, augmenta o preço do transporte, e apparece a miseria e a dependencia. Sejam prova d'isto — a Turquia, Portugal, a Jamaica, a Irlanda e a India. Estes paizes soffreram uma longa applicação do systema que tende a separar o consummidor do productor e a reduzir a população a cultivadores pobres d'um lado e a intermedios ladrões do outro [1].

Uma pergunta ainda: Que influencia têm estas doutrinas sobre o nosso assumpto — a emigração? O que se deduz d'ellas relativamente a tal objecto? O seguinte — A emigração será pequena ou grande, voluntaria ou

[1] Vej. Carey, tom. 3.º, pag. 267, 275, 276 e passim.

involuntaria, pouco dolorosa ou dolorosissima, conforme a organisação do paiz fôr ou diversidade de trabalhos, ou industria exclusiva e especial [1]. O meio para produzir a diversidade das industrias é o *systema protector* [2].

Resumamos ainda Proudhon, o escriptor das contradicções.

Como uma voz que se ouviu na antiguidade gritando — Pan, o grande deus, é morto — voz que assustou o mundo d'então, assim Malthus bradou — a sociedade morre — e por toda a parte se espalhou o terror e se duvidou da providencia.

E porque morre a sociedade? Porque a população cresce segundo uma progressão geometrica, as subsistencias segundo uma progressão arithmetica. Portanto, concluem os economistas, é necessario augmentar a producção, e diminuir a propagação. Mas os economistas esquecem que augmentar a riqueza sem augmentar a população, é tão absurdo como querer diminuir o numero de bôccas augmentando o dos braços.

A producção e a população são uma para a outra effeito e causa; a sociedade desenvolve-se simultaneamente, e em virtude do mesmo principio, em riqueza e em homens. Além d'isto, a propagação é uma condição *sine qua non* da producção. Fazei com que o joven não ame, o proletario não se case senão aos cincoenta annos ou nunca, segundo os conselhos de Malthus e de toda a

1 Ibid., tom. 1.º, pag. 506 e seg.; tom. 3.º, pag. 333, 342 e seg.

2 Ibid., tom. 3, pag. 447.

economia, e o que succederá? N'esse caso, sem a familia, quem respeitaria a propriedade, quem quereria produzir? A familia, o principio da propagação, é tambem o grande principio, o grande excitante da producção e da economia, e portanto da capitalisação [1].

Seria então necessario, continúam os economistas, para que a miseria não fosse fatal, que a paixão que leva á propagação fosse menos geral, menos forte. Mas, se o fosse, a miseria seria ainda maior. A paixão, diz Malthus, é forte e geral, é provavel que seria insufficiente se chegasse a enfraquecer. Com effeito, enfraquecei a paixão, emasculinai o homem, e eu torno a perguntar — quem se sujeitaria á familia, e sem familia o que seria da producção? [2]

Logo a miseria é fatal se são certas as duas leis de progressão de Malthus.

No estado actual de coisas, as leis de Malthus são certas; até mesmo a segunda está encadeada á primeira necessariamente, e demonstra-se sem se precisar de estatisticas.

Do que depende a geração d'um homem? Da emissão d'um germen, emissão que o genitor é incessantemente excitado a permittir. Mas até ao dia em que o germen fôr capaz de prover por si mesmo á sua subsistencia, este germen custará para incubação, ammamentação, alimentação, educação, durante um periodo de dez, quinze, vinte e até vinte e cinco annos, 12, 15, 20 por cento

[1] Vej. *Système des Contradictions Économiques, troisième édition, tome second*, pag. 312-317.

[2] Ibid., pag. 323.

do que consommem os seus auctores. Ora admittindo que o mesmo par crie quatro, seis, dez ou doze filhos, segue-se com uma evidencia mathematica que o bem-estar d'esses esposos diminuirá de 12, 15, 20, 30, 50 e 80 por cento [1].

A miseria resulta portanto das duas leis de progressão?

Não. Eu não sei ainda o que é a miseria; mas estou certo d'uma coisa, é que ella *antecipa* sobre a producção, e que nos fere antes que a esterilidade do trabalho auctorise os golpes que ella nos dá. Este facto refuta Malthus [2].

Ha na humanidade dois periodos principaes — o estado selvagem, estado estacionario em que o homem vive sómente dos productos naturaes do solo e da carne crua dos animaes; e a civilisação, essencialmente progressiva, em que o homem, transformando a materia, subsiste do producto das suas mãos.

No primeiro periodo a miseria tem por causa a inercia das faculdades do homem. Por um trabalho productivo era possivel, senão eliminar, pelo menos addiar esta miseria, resultante da inercia.

Vejamos agora do que depende a miseria da civilisação.

No primeiro momento da evolução industrial apparece a divisão do trabalho, e, por esta divisão, o trabalho adquire uma fecundidade sobrenatural; mas ao mesmo tempo o operario embrutece, e depois de ter sollicitado o consummo pela abundancia dos productos, fal-

[1] Ibid., pag. 318 e 319.
[2] Ibid., pag. 327.

tam-lhe a elle em consequencia da exiguidade dos salarios. Aqui a miseria é o vicio proveniente da maneira por que está organisado o trabalho.

Vêm depois as machinas. Com o soccorro das machinas juncto á divisão do trabalho, o trabalho adquire uma fecundidade illimitada, susceptivel portanto de se accelerar n'um grau desconhecido. Parece pois que as machinas vão triumphar da miseria. Mas não. O bem-estar augmenta para os chefes, o mal para os subalternos, e declara-se a tendencia monstruosa de se pretender dispensar os homens. É pois o excesso dos homens que causa aqui a miseria?

A humanidade mudou a miseria da sua inercia pela miseria das suas combinações. O homem perece pela divisão do trabalho que eleva ao decuplo as suas forças e pelas machinas que as centuplicam.

Á divisão do trabalho e ás machinas junta-se a concurrencia. Pela concurrencia os productos do trabalho vão sempre diminuindo de preço, ou, o que é a mesma coisa, augmentam continuamente. Pela concurrencia cada productor é forçado a produzir por um preço progressivamente decrescente, o que quer dizer — produzir sempre mais do que o consummidor pede — por consequencia, garantir á sociedade a subsistencia do dia de amanhã. Num tal systema é pois impossivel que a somma das subsistencias caia abaixo das necessidades da população.

Numa sociedade em que ha a divisão do trabalho, as machinas, a concurrencia, a tendencia não é pois crescerem as subsistencias n'uma progressão arithmetica, e a população n'uma progressão geometrica; as subsistencias tendem pelo contrario a crescer na proporção do

quadrado do numero dos trabalhadores. A miseria na civilisação é pois uma antecipação. O pauperismo que ataca o selvagem pela inercia, ataca a civilisacão pela acção. O nosso trabalho augmenta sem cessar a nossa indigencia. Antes d'accusarem pois a fatalidade, reformem os economistas as suas *rotinas* [1].

Estas considerações, que demonstram que a miseria é uma antecipação sobre a esterilidade do trabalho, são corroboradas por dados estatisticos que levam á mesma conclusão.

Ha cincoenta annos, observa E. Buret e depois d'elle M. Fix, a riqueza nacional na França, quintuplicou ao passo que a população não dobrou. Pergunta-se porque é que a miseria em vez de diminuir proporcionalmente, augmentou? Nestas circumstancias, porque é que ha pobres? Respondam, antes de se inquietarem com a posteridade e de investigarem qué numero de habitantes poderão subsistir sobre o globo.

O mesmo se prova d'outro modo.— Em geral as nações occupam na escala do pauperismo o mesmo logar que na da riqueza. Na Inglaterra, conta-se um indigente sobre cinco pessoas; na Belgica e no departamento do Norte um sobre seis; na França um sobre nove; em Hespanha e na Italia um sobre trinta; na Turquia um sobre quarenta; na Russia um sobre cem. A Irlanda e a America do Norte, uma e outra collocadas em condições excepcionaes e oppostas apresentam a primeira a proporção assustadora d'um e mais sobre dois; a se-

1 Ibid., pag. 329, 330, 331, 332, 333 e 334.

gunda um e talvez ainda menos sobre mil. A miseria compõe-se exclusivamente do deficit causado pela propriedade á classe trabalhadora. A humanidade é sempre ferida antes que o pão e a terra lhe falte.n.

Dizem que se transviam os operarios. Instruam-nos pois os economistas. Dizem que a conducta do operario é má. Póde ser. Mas tracta-se da medida do seu salario e fallam-nos da sua conducta. Dizei-me o que valem quatorze horas de trabalho por dia, e se receiaes errar, com a mão no coração, avaliai vós o vosso, e nós tomaremos para padrão o valor que lhe derdes. Dizem que o capital circulante não está em proporção com a circulação! É verdade. Como ha de elle circular se o consummidor é obrigado a pagar por cinco o que elle mesmo deu por quatro.

No estado de civilisação a miseria resulta exclusivamente do antagonismo economico; o que é pois necessario é procurar o equilibrio entre todos os antagonismos das instituições economicas actuaes; e portanto o unico problema relativo á população é este — Qual é a lei d'equilibrio entre a população e o globo? [1]

No estado de divisão do trabalho, das machinas, do commercio e do credito, a riqueza cresce como o quadrado do numero dos trabalhadores. Mas ao lado d'este duplo movimento da população e da producção, manifesta-se um outro, desconhecido até hoje pelos econo-

[1] Proudhon, ibid., pag. 337. 338, 340, 343 e 344.

mistas, é a aggravação do trabalho, aggravação que resulta necessariamente da theoria de Ricardo. Com effeito augmentando o bem-estar apesar da esterilidade crescente da terra e da multiplicação dos consummidores, a somma de trabalho augmenta necessariamente para a sociedade e para o individuo.

E qual é o resultado da aggravação do trabalho sobre a população?

Um primeiro facto parece estabelecido — A mesma força, o mesmo principio que preside á creação da especie, preside tambem á dos valores; portanto o trabalho e o amor são antagonicos. Assim Malthus tinha observado que os selvagens da America, levando uma vida cheia de tribulações e angustias são mediocremente inclinados ao amor, mas elle acrescenta que esta frieza diminue rapidamente com a abundancia e o repouso. Um homem d'um vasto saber, Augusto Comte, signala a fecundidade singular da classe indigente, como uma das leis mais notaveis da economia politica. O que se devia tambem notar era que essa classe indigente é por natureza pouco trabalhadora. A castidade é companheira do trabalho. Os homens de meditação são de mediocre capacidade para o amor. Pascal, Leibnitz, Kant, etc., esqueceram-se nas suas contemplações de que eram homens. O sexo advinha estes homens; a tempera d'estes genios inspira-lhe pouco attractivo. Deixa as mulheres, dizia a João Jacques essa gentil Veneziana, e vai estudar mathematica. Este resfriamento progressivo resultante da aggravação do trabalho dará em resultado o equilibrio da população com o globo. Proudhon apresenta ainda outras razões, mas tão subtis e tão mysticas, que por fim elle quasi reconhece que está amontoando nu-

vens para fazer luz, e teias d'aranha para construir estradas, voltando á razão, que lhe parece decisiva, da aggravação do trabalho [1].

Eis as idéas de Proudhon relativamente á população; com relação á emigração o que pensa elle?

Não o diz, mas é facil deduzil-o dos seus principios. A emigração, como a desproporção da população, tem por causa a má organisação economica.

O leitor está provavelmente cançado de tantas allegações a respeito da população; mas quem não viu, diz Stuart Mill, senão as suas idéas viu bem pouco. A logica de nossos paes tinha uma regra — *Cave ab homine unius libri*. A regra está demonstrado que é irracional; conhecimentos profundos são sempre conhecimentos extensos. Exposta a theoria de Malthus, e a refutação de tres homens illustres de campos diversos, vejamos em que se combinam essas refutações, e digamos tambem o que pensamos do problema da população, para d'ahi inferirmos alguma cousa com relação á emigração.

A obra de Malthus, como disse Proudhon, assustou a sociedade e fez duvidar da providencia; é um escriptor dos mais bem intencionados da economia politica attrahiu sobre si as pedradas dos seus conterraneos pobres e a indignação de todos que sentem em si amôr ou compaixão por esse martyr que tem, ha seculos, um golgotha de dores, sem que ainda veja um *dia do senhor* que lhe prometta fazel-o resurgir sem cruz, sem chagas e sem miseria.

O susto chegou ao delirio; homens honestos pro-

[1] Proudhon, ibid., pag. 357, 374, 375, 389 e 390.

puzeram remedios infames para cohibir o excesso da propagação, a prostituição, a sodomia, a eradicação do feto, etc. A indignação foi egual ao susto. *Malthusiano, Malthusiano,* eis a phrase mais injuriosa do socialismo contra a economia politica.

E não eram as leis das duas progressões que despertavam todos estes clamores; eram sobretudo as consequencias que Malthus deduzia. Ou não exceder as subsistencias, ou morrer; portanto, pobre, ou não te propagues, ou morre. Mas maior producção não livraria da morte? Não. A emigração? Não. Nem uma repartição mais egual de productos? Não. Era ainda peior. Os ricos fazem para ti officio de caixas economicas; no dia da carestia as suas accumulações aliviam-n'a um pouco. Mas nós não temos direito ao trabalho? Não. Nem á esmola? Não. A esmola é até um mal; cria a miseria. Mas então que quereis? —Um homem que nasce n'um mundo já occupado, se a sua familia não tem os meios para o sustentar, ou se a sociedade não precisa do seu trabalho, não tem o menor direito a reclamar uma porção qualquer de alimento e *é realmente de mais sobre a terra.* No grande banquete da natureza não ha meza posta para elle. *A natureza manda-lhe que se vá,* e ella mesma não tarda em executar esta ordem [1].

Estas palavras escreveu-as Malthus na primeira edição do seu livro; são uma consequencia rigorosissima dos principios anteriores; a eschola economica não quer que se transcrevam, e mostra a segunda edição em

[1] Blanqui, *Histoire de l'Économie Politique*, chap. 35, pag. 124.

que foram supprimidas [1]. Mas, meus senhores, uma consequencia subsiste, embora se não escreva, emquanto subsistem os principios; e os de Malthus são os vossos; o symbolo da vossa sciencia é elle; vós sustentais a harmonia dos interesses, portanto a solidariedade do todo social, e apesar d'isso negais o direito ao trabalho e á esmola, portanto a solidariedade nas dores sociaes. Negados estes dois direitos, junctando a essa negação a affirmação de que a esmola é prejudicial, que direito deixais vós aos indigentes senão o de morrer? As palavras de Malthus estão escriptas nas vossas theorias, e despenham-se d'ellas como uma cataracta que não soffre diques. Supprimindo a crueldade das palavras, Malthus não supprimiu nada; e é o que reconhecem mesmo os economistas menos facciosos e mais sinceros, como por exemplo Adolpho Blanqui, que affirma que as palavras foram supprimidas, mas que o espirito d'ellas ficou [2].

Malthus foi refutado. Mas refutaram-se as duas leis de progressão? Nem Bastiat, nem Proudhon, nem Carey, o mais arrojado de todos, negaram que a humanidade, independentemente de todos os obstaculos, dobrasse dentro de vinte e cinco annos; e desde o momento que se não atacou esta proposição, o edificio de Malthus parece que subsiste. Bastiat e Proudhon encarregaram-se de provar as duas progressões de Malthus, chegando até Proudhon a demonstrar a identidade d'uma e d'outra. A que se reduzem pois as refutações de Malthus?

1 Vej. Bastiat, *Harmonies Économiques*, chap. 16, pag. 499.

2 Vej. *Histoire de l'Économie Politique*, par A. Blanqui, quatr. edit., tom. sec., pag. 124.

Bastiat, Proudhon, Carey respondem a Malthus — A população não cresce como vós dizeis. Malthus responde — Eu não digo como ella cresce, digo como ella póde crescer, e o que ha de acontecer se esta possibilidade se realisar toda. Portanto vós não me refutais quando me ensinais como ella cresce.

As duas proposições de Malthus são verdadeiras; mas apesar d'isso nada está perdido. Malthus affirma que a duplicação dos homens em vinte e cinco annos, é, não uma realidade universal, *mas uma possibilidade;* se affirmasse com verdade que era uma realidade permanente com a lei da progressão arithmetica parallela, então assustassemo-n'os, que estavam sentadas a fome e a morte ao nosso lado; mas se se parte d'uma possibilidade, as consequencias são tambem só possibilidade.

E é isto o que dispensa de refutar directamente Malthus, o que permitte não combater a primeira proposição. O que se póde dizer a Malthus é o seguinte — A vossa primeira proposição é verdadeira, a segunda queremos suppôr que o seja; mas o problema social sobre população não consiste na affirmação d'uma possibilidade, mas na determinação da lei segundo a qual se effectiva essa possibilidade.

E Bastiat, Proudhon, e Carey affirmam que a possibilidade não se effectua d'um modo egual em todas as circumstancias, e todos tres affirmam que a tendencia geral da propagação da população é do maximo para o minimo em relação ás subsistencias; e affirmam isto, Bastiat em nome do habito que impede de decahir e produz a previdencia; Carey em nome da adaptação das funcções ás circumstancias, e da correlação entre o de-

senvolvimento intellectual e o enfraquecimento do instincto da propagação; Proudhon em nome da aggravação do trabalho.

Concordamos, na generalidade, com estas idêas; a propagação é variavel, e ha de limitar-se ou não pelos *meios d'existencia*, na phrase e no sentido de Bastiat, confórme a população que se propaga não fôr indigente ou o fôr. Se o não fôr, essa população será previdente, terá uma vida mais ou menos intellectual, e a sua propagação não será excessiva. Se a população fôr indigente, não terá habitos que a convidem a não decahir, não terá vida intellectual, propagar-se-ha em excesso.

Ora como a tendencia da civilisação é ir da menos justa para a distribuição mais justa dos productos, da desegualdade para a egualdade, segue-se que a lei da população é — ir do excesso para o não excesso entre ella e os meios d'existencia, produzindo-se por fim o completo equilibrio.

Confórme fôr indigente ou não, dissemos nós. Com effeito, se ha alguma cousa demonstrada em psychologia economica é que é a pobreza do pobre, que é a origem da sua imprevidencia; é que por sua natureza a miseria é prolifica; o indigente tem este nome significativo — proletario.

Tenha paciencia o leitor; havemos de apresentar-lhe alguns testemunhos d'este facto, facto que os economistas viram, mas cujas consequencias não tiraram, e facto que refuta o coração da obra de Malthus.

Adam Smith. — Ainda que sem duvida a pobreza affaste do casamento, entretanto não o impede sempre;

parece até ser favoravel á geração. Uma montanheza quasi a morrer de fome tem muitas vezes mais de vinte filhos; ao passo que uma bella dama, que tem muito cuidado da sua pessoa, é algumas vezes incapaz de ter um só, e em geral acha-se esgotada por dois ou tres partos. A esterelidade, que é tão frequente na alta sociedade, é extremamente rara nas pessoas de condição inferior [1].

Malthus. — Nas classes superiores da sociedade não ha razão para temer que os casamentos sejam frequentes de mais. Os sentimentos elevados que dão a posição e a educação oppõem sempre, n'essas classes, grandes obstaculos ao casamento, em virtude dos motivos de prudencia que elles suggerem. É necessario fazer nascer nas classes inferiores as luzes e a previdencia de que as primeiras são providas [2].

J. B. Say. — O operario não sómente não prevê a velhice, mas nem sequer prevê os accidentes, a doença, as enfermidades [3].

Rossi. — Calculou-se que, se os Montmorency se tivessem multiplicado segundo a lei d'augmento que dobra a população em vinte e cinco annos, elles formariam hoje por si sós uma multidão que a Europa com diffi-

[1] Vid. Adam Smith, *De La Richesse des Nations*, trad. de G. Garnier, edit. Guillaumin, 1859, tom. 1.º, liv. 1, chap. 8.º, pag. 188-190.

[2] Malthus, obr. cit. liv. 4, cap. 9, pag. 523 e 524.

[3] J. B. Say, *Traité d'Economie Politique*, edit. Guill., 1841, liv. 1, chap. 15, pag. 139.

culdade poderia conter. Em vez d'isto, eu não sei se existe um só descendente directo do primeiro barão christão; a tal ponto influia sobre as familias nobres o receio de declinarem empobrecendo, receio que deu origem a instituições e a costumes, que a riqueza procurará sempre imitar, ainda a despeito da lei.

Não é no seio da miseria que podem nascer essas prudentes previsões que devem temperar no homem o imperio dos sentidos, e enfraquecer o augmento da população. Aquelle que não tem nada a temer, nem a esperar, não calcula, nem reflecte. O homem que vive de privações apodera-se com empenho de toda a excitação physica que póde por um instante fazel-o esquecer da sua miseria. O rico sacrifica todas as cousas, e a maior parte dos seus filhos, e sacrifica-se a si mesmo, se é preciso, ao poder da sua familia, ao brilho e á grandeza da sua raça. Essa mãe impassivel, que com um pé no tumulo, no fundo d'um castello, resistia ás lagrimas, ás supplicas das suas filhas e dos seus filhos segundos, que repelliam em vão a vida monastica e a ordem de Malta, pensava por ventura em si mesma, nos seus gozos pessoaes? Não; era do futuro, era de seres que lhe eram desconhecidos que ella se preoccupava; ella estava sob o imperio tyrannico d'uma idêa. O egoismo da miseria é completamente pessoal. Mais desculpavel que o do rico, é talvez mais aspero ainda e mais absoluto. Aquelle que não tem nada, e que desespera d'um melhor futuro, esse não tem que prever, nem que calcular; não pensa senão no momento presente. Póde elle dar a vida a seres mais desgraçados do que elle é? Além d'isso, quem teria direito de se queixar? Elle tem vivido sempre, elle, na penuria, dia a dia, sem outro apoio além da Providencia; ella não faltará aos seus filhos. Morrem elles, morrem

ainda jovens, morrem ao nascer? Deus o quiz, e tanto melhor para os que morreram [1].

Stuart-Mill. — Á medida que a especie humana se eleva acima da condição dos animaes, a população é contida pelo receio da penuria, mais do que pela penuria real. E quando se não receia a fome, um grande numero de pessoas são influenciadas do mesmo modo pelo receio de perderem o que se chegou a considerar como uma posição razoavel na vida. Até hoje não se têm incontrado senão estes dois motivos assás poderosos na especie humana em geral, para contrariar a tendencia ao desenvolvimento da população. Vê-se geralmente a maior parte dos individuos das classes medias ou pobres, todas as vezes que estão livres de sujeição exterior, casar-se cedo, e quasi por toda a parte ter tantos filhos quantos lhes é possivel ter, continuando a conservar a posição social para que nasceram, ou que estão costumados a olhar como tal.

Nas classes medias existe ainda um motivo de repressão que deriva do desejo de fazer mais do que conservar essa posição, do desejo de a melhorar. Mas similhante motivo raras vezes produz este resultado nos individuos das classes laboriosas. Basta-lhes poderem crear as suas familias como elles mesmos foram creados, e os mais prudentes dão-se ordinariamente por satisfeitos. Muitas vezes mesmo não pensam n'isto; contam com o acaso ou com os recursos da caridade legal ou voluntaria. Os paizes em que a prudencia voluntaria tem sido praticada ha mais tempo e no mais alto grau são a No-

1 Rossi, *Cours d'Économie Politique*, année 1836-1838, edit. Bruxelles, 1851, Vingtième leç., pag. 251-253.

ruega e certas partes da Suissa. É digno de nota que estes dois paizes, que se distinguem d'uma maneira tão honrosa, são habitados por pequenos proprietarios territoriaes [1].

Laing, citado em Carey: — A divisão da terra é para o excesso de população e para a sua consequencia, a ruina da sociedade, um freio que falta completamente num systema social differente. Nas artes, nos ramos d'industria ainda os mais uteis e necessarios, a procura para os trabalhadores não é uma procura visivel, conhecida, continua, apreciavel; mas é-o na agricultura sob a nossa condição social. O trabalho que ha a fazer, a subsistencia que o trabalho obtem do solo a que se applica, são cousas que se vêm, são elementos familiares ao homem que calcula os seus meios d'existencia. O seu campo póde ou não sustentar uma familia? Póde elle ou não casar-se? são perguntas a que cada homem póde responder immediatamente, sem hesitação, sem grande calculo. É o habito de contar com a probabilidade, em que o espirito não tem nada de claro diante de si, que causa os casamentos temerarios, imprevidentes, tanto nas classes baixas como elevadas da sociedade, e produz entre nós (Inglaterra) o excesso da população. Necessariamente a probabilidade ha de entrar no calculo de cada um quando falta a certeza, caso em que estamos, em que, pela nossa distribuição da propriedade, uma subsistencia certa não é senão o apanagio d'um pequeno numero, em vez de ser o dos dois terços da população. Em

[1] Vid. Stuart-Mill, *Principes d'Économie Politique*, trad. Dussard et Seneuil, Troisième edit. tom. 1.º, liv. 1, chap. 10, § 3, pag. 182, 183, 184.

seguida vêem factos demonstrativos d'estas asserções; depois conclue: — A mais profunda de todas as observações que se têm feito na sciencia economica é a de Salomão: «A ruina do pobre é a sua propria pobreza.» E' a sua pobreza que causa a sua multiplicação excessiva, e a sua multiplicação excessiva causa a sua pobreza. Remediai-lhe a pobreza, fazei com que elle possua, inoculai na massa inteira da sociedade os gostos, os habitos, os sentimentos de previdencia que acompanham a posse, abolindo as leis de successão que concentram toda a propriedade numa classe superior, e tereis remediado o excesso da população [1].

Élisée Reclus. — A população da França augmentou, mas a proporção do augmento foi muito menor que a de muitas outras nações e nalguns annos mesmo diminuiu. Segundo o recenseamento de 1872 a França perdeu mais de 450:000 habitantes nos seis annos que ha entre este e o de 1866, e isto sem contar a perda resultante da separação da Alsacia-Lorena. Os desastres do anno terrivel não explicam esta diminuição consideravel. Além d'esses desastres ha forçosamente causas profundas de mortalidade ou de diminuição nos nascimentos. Dada população egual, a Inglaterra teria ganho perto de tres milhões d'habitantes, ao passo que a França perdeu meio milhão. E' verdade que desde 1872 a população começou de novo a elevar-se, mas a razão do augmento é tão fraca que, se não muda para mais, só passados muitos seculos a fará dobrar. A França que em 1800

1 Laing, *Notes of Traveller*, London, 1854, pag. 33, 165, 166, extractado da obra por vezes citada de Carey, tom. 3.º, pag. 269, 270, 271.

era em população quasi um quinto do grupo europeu, hoje é um decimo; mas se a população cresce menos rapidamente, a proporção dos homens validos é mais consideravel. Quaes as causas d'este phenomeno?

Além d'outras, uma das mais importantes, que se revela bem pelas estatisticas departamentaes, é o desejo que têm os paes de assegurar o bem-estar dos filhos. Em geral os nascimentos são relativamente mais numerosos nos departamentos pobres, que naquelles em que os habitantes vivem bem. A Bretanha, uma das regiões mais pobres da França, é das mais fecundas em familias; na Normandia e Eure, regiões d'agricultura prospera, o numero dos habitantes reduz-se constantemente. Em nenhum departamento da França o numero dos celibatarios é mais consideravel; os seus habitantes estão possuidos do amor quasi monomaniaco do bem-estar [1].

Este phenomeno da grande fecundidade da classe indigente, phenomeno que uns suppozeram resultado de um estado natural physico, outros d'um estado moral que produz a imprevidencia, e que é talvez devido a uma e a outra cousa, viram-no todos os economistas, mas a maioria d'elles não lhe tirou as consequencias. Se a demasia de propagação é um symptoma da doença — indigencia — atacai esta se quereis debellar aquelle. Não é certo, pois, como affirmava Malthus, que uma producção maior e uma distribuição mais egual dos productos, em vez de resolverem o problema da população, o complicassem. Stuart-Mill, que não é suspeito, Laing, outro In-

[1] Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, tom. 2.º — *La France*, chap. 14, pag. 839-844.

glez, apresentam a previdencia nos pequenos proprietarios territoriaes, e o ultimo mostra a correlação entre aquella qualidade e este estado.

Fazei, pois, que todos possuam; introduzi a justiça nas relações economicas, e cada familia se propagará na proporção dos seus meios. Como o Christo dizia aos discipulos — Procurai primeiro o reino de Deus, e tudo o mais virá como accessorio; assim a sciencia social diz — procurai a justiça, e incontrareis nella a solução de todas as questões.

Sejam, porém, quaes forem as perturbações na ordem economica, é certo, que a evolução é no sentido da injustiça para a justiça, da desegualdade para a egualdade, portanto a lei da população, é, como já dissemos, ir do excesso para o equilibrio relativamente aos meios d'existencia; e como a emigração ha de seguir a evolução da população, segue-se que a emigração ha de ser tambem uma quantidade variavel, e que é necessario seguir as diversas organisações economicas da sociedade, para determinar o modo como ella se produz e portanto as suas causas.

Demonstrado que o progresso da civilisação ha de procurar o equilibrio entre a propagação de cada familia e os seus meios, já não insta refutar a segunda lei. Todavia diremos duas palavras das refutações que estudámos.

Bastiat rejeita essa lei em nome da superioridade que as faculdades têm sobre as necessidades no estado de sociedade. Proudhon em nome da divisão do trabalho, machinas e concorrencia; o que é a mesma idêa de Bastiat sob uma fórma mais analytica. Carey em nome da differenciação do trabalho; o que é ainda a mesma idêa.

Mas é claro que o trabalho podia dividir-se, as machinas e a concorrencia augmentarem sem que o producto augmentasse proporcionalmente, se a terra caminhasse para a pequena productividade. Carey e Proudhon viram isto e por isso foram por diante.

Carey demonstra que a cultura vai dos terrenos menos ricos e acaba pelos mais ricos. Parece-nos, como a Stuart-Mill, que uma affirmação menos de extremos seria mais verdadeira [1]. Mesmo estava mais nos principios de Carey; os terrenos mais estereis não serão tambem aquelles que offerecerão sempre mais facilidade de cultura, e a humanidade póde começar pelos mais fracos e ir aos mais ricos logo que tenha forças para isso, abandonando os primeiros cultivados, e voltando a elles quando haja necessidade; chegando até a cultivar por fim os que a principio não podia, nem queria cultivar, porque se apresentavam estereis e não tinha meios de lhes mudar a esterilidade. Parece isto mais verdadeiro.

Com relação aos outros argumentos de Carey, a elevação da agricultura a sciencia, é certo que mal podemos calcular o augmento de producto que ella nos trará. A substituição do alimento animal pelo vegetal é um argumento verdadeiro na generalidade, mas que precisa de ser menos extensivo; a evolução tem-se feito no sentido indicado por Carey; mas não póde ir até onde parece querer leval-a.

Os habitantes das regiões intertropicaes podem viver com um regimen exclusivamente vegetal sem soffrerem com isso; os das regiões que começam a ser frias precisam de carne, e os das regiões polares precisam de gor-

[1] Vej. Stuart-Mill, obra cit., tom. 1.º, pag. 209 e seg.

duras [1]. Com relação ao argumento da menor perda de forças e portanto da menor necessidade de alimento, tem de certo algum peso, mas se ha, como quer Proudhon, uma aggravação de trabalho, as cousas contrabalançar-se-iam. A piscicultura parece-nos um recurso immenso e a inspecção do globo não é propria para acordar já receios. E posto que de tudo isto se conclua que a progressão das subsistencias não póde talvez ser tão continua e indefinida como quer Carey, todavia se pelo estudo da propagação se prova que esta tende a equilibrar-se com os meios de existencia sem necessidade de mortalidades anormaes ou emigrações dolorosas, a humanidade não tem que se lamentar da não infinidade d'esse progresso. Sob o ponto de vista da população e das subsistencias um estado estacionario parece-nos, como a Stuart-Mill, conciliavel com a felicidade da humanidade. Se o progresso é uma lucta, a felicidade é um equilibrio [2].

[1] Vid. Quatrefages, *Rapport sur les Progrés de l'Antropologie*, edit. de l'Imprimerie Imperiale, 1867, pag. 332.

[2] Vid. Stuart-Mill, obra cit. pag. 304, tom. 2.º.

CAPITULO III

Causas economicas da emigração

SUMMARIO: — As causas economicas da emigração são as mais importantes.—Deducção das relações dos estados— selvagem, pastoril, agricola, e agricola-industrial e commercial com a mortalidade, a guerra e a emigração.— Confirmação historica d'esta deducção. — Determinação da idêa de progresso segundo Spencer e A. Comte. — Confirmação d'estas idêas pela analyse. — Analyse da doutrina da *eschola economica* sobre industrias naturaes e artificiaes. — Demonstração historica da possibilidade de influencia consciente e voluntaria na combinação das industrias. — A combinação das industrias é o maior remedio contra a emigração.

Estabelecendo o problema da emigração, reconhecemos que sendo a população que emigra, a natureza da população e as condições que a subordinam haviam de subordinar a emigração [1]; e no capitulo precedente vimos que a relação entre a população e as subsistencias era uma relação variavel, e por isso a emigração uma quantidade variavel tambem, sendo necessario seguir as

[1] Vej. pag. 5.